

O CONCEITO DE ANGÚSTIA, SEGUNDO A FILOSOFIA E TEOLOGIA DE PAUL TILlich¹

THE CONCEPT OF ANGST, ACCORDING TO PAUL TILICH'S PHILOSOPHY AND THEOLOGY

Erik Dorff Schmitz²

Resumo: Neste artigo apresentaremos o conceito de angústia segundo o pensamento do filósofo e teólogo alemão Paul Tillich. Mostraremos a etimologia e contexto filosófico do termo. Posteriormente iremos introduzir alguns elementos que se configuram como categorias ontológicas fundamentais, tais como, ser e não ser, finitude e infinitude, ser essencial e ser existencial, correlacionados com as categorias e estruturas essenciais do ser humano. Após isto, iremos descrever de forma sistemática o que é o fenômeno da angústia existencial no pensamento de Tillich, abordando as três maneiras como este conceito é apresentado em sua obra: (1) a do destino e da morte, (2) a do vazio e perda de significação, (3) a de culpa e condenação. Concluiremos mostrando que os três tipos de angústia estão de certa forma concatenados, que um colabora individualmente no estabelecimento do fenômeno da angústia existencial e na elaboração deste conceito na filosofia e teologia de Tillich.

Palavras-chave: angústia, Paul Tillich, não-ser

Abstract: *In this article we will present the concept of angst according to the thought of the German philosopher and theologian Paul Tillich. We will show the etymology and philosophical context of the term. Later we will introduce some elements that are configured as as fundamental ontological categories, such as being and not being, finitude and infinity, essential being and existential being, correlated with the essential categories and structures of the human being. After that, we will systematically describe what the phenomenon of existential angst is in Tillich's thought, approaching the three ways in which this concept is presented in his work: (1) that of destiny and death, (2) that of emptiness and loss of meaning, (3) the of guilt and condemnation. We will conclude by showing that the three types of angst are somehow concatenated, that one collaborates individually in the establishment of the phenomenon of existential angst and in the elaboration of this concept in Tillich's philosophy and theology.*

Keywords: angst, Paul Tillich, not be

¹ Este artigo é um extrato do Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Filosofia da FSL- Faculdade São Luiz, desenvolvido e concluído em 2011 sob orientação da Profa. Dra. Maria Glória Dittrich, com o título *A coragem de ser como saída para a ansiedade existencial em Paul Tillich*. O capítulo II foi adaptado e atualizado para esta publicação.

² Bacharel em Filosofia pela Faculdade São Luiz - FSL (2011) e Bacharel em Teologia pela Faculdade Católica de Santa Catarina - FACASC (2015). Mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2019). Graduando em Letras Português e Doutorando em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisa nas áreas de Filosofia, Teologia e Literatura.

Introdução

Primeiramente na base do pensamento de Tillich³, em sua obra *Teologia Sistemática* ele explica que a palavra inglesa *anxiety* [ansiedade] só recebeu a conotação de *angst* [angústia] durante a década passada a que ele redigiu sua obra⁴. Onde tanto *angst* quanto angústia são derivadas da palavra latina *angustiae*, que significa *estreitos* (TILLICH, 2005, p. 200). Antes de adentrar-se na reflexão da angústia em Tillich devem-se introduzir alguns elementos que se configuram como categorias ontológicas fundamentais, tais como, ser e não ser, finitude e infinitude, ser essencial e ser existencial, correlacionados com as categorias e estruturas essenciais do ser humano, que serão correlacionados com os conceitos posteriores.

Perante a realidade do ser, Tillich mostra que só o ser humano pode formar a pergunta ontológica. Essa questão surge a partir do choque do não-ser. Tendo presente que o ser está fadado a seu possível não-ser, o ser se configura como mistério. O ser humano é a criatura que por sua liberdade pode transcender toda a realidade dada, não está preso ao *ser*, pode sentir a necessidade do não-ser, pode se indagar, se questionar (TILLICH, 2005, p. 195). Tal inquietação se configura no pensamento humano em toda a história da humanidade, primeiramente em questões meramente mitológicas, depois cosmogônicas e enfim filosóficas por excelência.

Poder-se-ia tentar evitar a questão do não-ser, de duas formas; uma lógica e outra ontológica. Pergunta-se: o não-ser é algo mais do que o mero conteúdo de um juízo lógico, onde se nega uma asserção possível ou real? Pode-se afirmar também que o não-ser é um juízo negativo que não possui sentido ontológico. Porém, diante disso deve-se contestar que toda estrutura lógica que é algo mais do que um simples jogo de relações possíveis está fundada em uma estrutura que é de fato ontológica. É assim que o fato da negação lógica pressupõe um tipo de ser que pode transcender a situação

³ Teólogo e filósofo luterano alemão (n. Strazdedel, 1886 – m. Chicago, 1965), considerado por muitos o maior teólogo protestante de seu tempo, muito influente sobretudo nos países de língua inglesa. Ensinou em Berlim (1919), Marburgo (1924), Bresda (1925) e Frankfurt (1929). Privado da cátedra pelas autoridades nazistas (1933), emigrou para os EUA, onde foi professor em Nova Iorque, Harvard (1955) e Chicago (1962). Pensador de fronteira, no qual as principais influências são Platão, Lutero, Kant, Kierkegaard e Heidegger. Central em todo o seu pensamento é o princípio de correlação (correlação – interdependência de dois fatores independentes) que lhe permitiu evitar unilateralismos redutores e segundo o qual nenhum componente fundamental da realidade – Deus e mundo, tempo e eternidade, essência e existência, religião e cultura, filosofia e teologia – existe ou pode ser pensado isoladamente. A resposta às questões que a análise existencial levanta é dada pela teologia: é o Novo Ser, cuja essência é o amor, o que lhe permite reconciliar e unir o que está separado. Das suas numerosas obras (c. 40, sem contar artigos), ressalta a poderosa síntese iniciada em 1925 em Marburgo e publicada de 1951 a 1963 em Chicago (3 vols.; do ponto de vista filosófico o de maior interesse é o primeiro). Conforme: LOGOS. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia. São Paulo: Verbo. 1990. 2 v.

⁴ Durante nossa pesquisa constatamos que Paul Tillich se utiliza em suas obras de dois termos: ansiedade (*anxiety*) e angústia (*angst*). Na redação do artigo optamos por utilizar o termo angústia para evitar confusões semânticas, bem como por cremos que ela expressa mais profundamente as problemáticas discutidas pela pesquisa.

imediatamente dada por meio de expectativas. Tal expectativa cria a distinção entre o ser e o não-ser. Mas surge o questionamento; como é possível essa expectativa?

A resposta é a seguinte: o ser humano, que é este ser, deve estar separado de seu ser de tal maneira que seja capaz de olhá-lo como algo estranho e problemático. E esta separação é real, porque o ser humano não só participa do ser, mas também do não-ser. Por isso, a mesma estrutura que torna possíveis os juízos negativos demonstram o caráter ontológico do não-ser (TILLICH, 2005, p. 196).

Deve-se ter claro que não é possível resolver o mistério do não-ser simplesmente considerando-o um tipo de juízo lógico. Da mesma forma não poderia haver mundo algum se não houvesse uma participação dialética do ser no não ser (TILLICH, 2005, p. 196).

Na antropologia filosófica contemporânea Lima Vaz em sua investigação dialética reafirma essa característica imprescindível do ser humano, onde o ser se contrapõe ao Ser Absoluto, num movimento racional de abstração:

A experiência de abertura ao Ser na forma de experiência da negatividade inerente à nossa capacidade de pensar, sendo o homem o único ser conhecido capaz de introduzir o não-ser na compacta unidade do Ser: o que significa, finalmente, passar além de qualquer limitação dada dos seres e experimentar, sobre o abismo do não-ser, a infinita transcendência do Ser (VAZ, 2001, p. 111).

O problema dialético do não-ser é inevitável, inescapável. É o problema da finitude. A questão do finito e do infinito.

A característica proeminente do ser é sua limitação pelo não-ser, isto é, pela finitude. O não-ser é tanto o *ainda não* como o *não mais* do ser. Ele entra constantemente em confronto com um fim definido; *finis*. Por sua vez, o ser-em-si não pode ter nem princípio nem fim, senão teria surgido do não-ser. Porém o ser precede o não-ser em validade ontológica, é o princípio sem princípio, o fim sem fim, ou seja, ele é o seu próprio princípio e fim, o poder inicial de tudo quanto é. Porém o ser está sempre num processo dialético, é o ser em processo de vir do não-ser e retornar a ele. É finito (TILLICH, 2005, p. 198).

Nesse aspecto deve-se dar atenção maior, pois aí está a espinha dorsal do fenômeno da angústia no pensamento tillichiano. Partimos da estrutura mais básica - o eu e o mundo - de onde derivam as polaridades como individualização e participação, dinâmica e forma, liberdade e destino. A pergunta que o ser humano faz surge do *choque* do não-ser. Confrontado com o não-ser, o ser humano lança de dentro de si mesmo a pergunta do não-ser. E ao fazê-la se percebe como ser finito, limitado, contingente. Mas só porque raciocina, questiona, indaga é que percebe essa peculiaridade de sua condição (MUELLER; BEIMS, 2005, p. 80).

Chega-se aqui numa situação de fronteira, característica do pensamento de Tillich, pois essa relação entre finitude e infinitude é distinta de outras relações onde elementos se chocam. Não são

somente polos de tensão, mas de limites que abrem para a transcendência. As estruturas da finitude, a condição essencial do ser humano, o fazem transcender-se, e num processo racional encontrar respostas na perspectiva da abertura de seu ser ao Ser Absoluto (MUELLER; BEIMS, 2005, p. 80).

O ser humano não tem como fugir da finitude. Tanto sua estrutura ontológica básica quanto os elementos ontológicos implicam a finitude. Há uma correlação entre o *ser eu*, a individualidade, a dinâmica, a liberdade, onde todos eles incluem a multiplicidade, a definição, a diferenciação e a limitação. Ser algo expressa ser finito. E todas as categorias do pensamento e da realidade são expressões dessa situação (TILLICH, 2005, p. 198).

A finitude implica resgatar estruturas onto-antropológicas essenciais do ser humano, da pessoa. Em relação ao mundo, o eu finito possui o poder de participação universal, existe uma intencionalidade ilimitada na estrutura humana. E como liberdade, o ser humano está sempre envolvido por um mundo e um destino englobante, circundante. Porém, todas as estruturas e categorias da finitude fazem com que o ser finito transcenda a si mesmo, tomando assim a consciência de fato, de sua finitude (TILLICH, 2005, p. 198).

A infinitude é um conceito que faz a mente experimentar suas próprias potencialidades limitadas, mas não estabelece a existência de um ser infinito. Pode-se afirmar que até mesmo uma doutrina física da finitude do espaço não pode impedir que a mente pergunte o que há por detrás do espaço finito. Mas também não se pode dizer que o mundo é infinito somente porque não se pode ter a infinitude como objeto. Seria muita ingenuidade (TILLICH, 2005, p. 198).

O ser humano, porém, nunca está satisfeito com os estágios que vai atingindo em seu desenvolvimento finito. Mesmo ciente que a finitude é seu destino há em suas estruturas a relação de tudo o que é finito com o ser-em-si. A finitude na consciência do ser é angústia.

Como a finitude, a angústia é uma qualidade ontológica. Ela não pode ser derivada; só pode ser vista e descrita. [...] Como qualidade ontológica, a angústia é tão onipresente quanto a finitude. A angústia é independente de qualquer objeto específico que possa provocá-la; tão somente é dependente da ameaça do não-ser que é idêntica à finitude. [...] Neste sentido, tem-se afirmado com razão que o objeto da angústia é o “nada” – e o nada não é um “objeto”. A angústia sempre está presente. [...] Ela pode, pois, manifestar-se em todo e qualquer momento, inclusive nas situações onde nada há a temer (TILLICH, 2005, p. 200).

Não se tem agora por objetivo descrever a angústia no pensamento de Tillich, porém somente dar algumas indicativas de como ela se funda na raiz das estruturas do ser humano. Atinge o âmago do ser pelo fato de indagar algo que condiz com a condição de todos, ninguém está isento de ser finito, e de sentir a angústia sobre si. Para Tillich a angústia é ontológica, o temor é psicológico. A angústia é um conceito ontológico ao expressar a finitude desde dentro, no centro, profundamente; é a autoconsciência do eu finito como finito.

1. A angústia existencial

Após a abordagem de alguns elementos onto-antropológicos fundamentais da estrutura do ser humano, deve-se descrever de forma sistemática o que é o fenômeno da angústia existencial no pensamento tillichiano.

Deve-se considerar a angústia em seu aspecto ontológico, daí se poder fazer a primeira e mais básica afirmação: “ansiedade é o estado no qual um ser tem ciência de seu possível não-ser. [...] Ansiedade é a consciência existencial do não-ser” (TILLICH, 1976, p. 28). Por existencial, Tillich quer mostrar que não é somente a consciência do não-ser que produz a angústia, mas é saber que o não-ser é uma parte do ser, e isso é daí gerado. A angústia é finitude, a própria finitude do ser. É angústia do não-ser (TILLICH, 1976, p. 28).

A respeito disso, reflete Maria Glória Dittrich:

A ansiedade é intrínseca à finitude do ser humano. Ele vive diuturnamente um estado somático-psicoespiritual de enfrentamento entre o que ele é e o que ele poderá ser, entre o ser e o não ser, entre a vida e a morte (DITTRICH, 2010, p. 185).

O não-ser é dependente do ser que nega, pois tem uma prioridade ontológica do ser sobre o não-ser. Ou melhor, se sabe que não haveria negação se não houvesse afirmação precedente para ser negada. Há um fato primordial: de que há alguma coisa, e não coisa nenhuma [nada]. Ele, o nada, só se torna coisa nenhuma em contraste com alguma coisa. É possível afirmar que o não-ser é dependente das qualidades especiais do não-ser, que ele as obtém em relação ao ser. Ou seja, o caráter de negação do ser é determinado por aquilo que é negado no ser. Assim se torna possível falar de qualidades do não-ser e dos consequentes tipos de angústia (TILLICH, 1976. p. 31-32).

Na reflexão tillichiana usam-se formas correspondentes a diferentes modalidades de angústia, que só são compreensíveis em correlação entre si:

Sugiro que distingamos três tipos de ansiedade de acordo com as três direções nas quais o não-ser ameaça o ser. O não-ser ameaça a auto-afirmação “ôntica” do homem, de modo relativo, em termos de destino, de modo absoluto em termos de morte. Ameaça a auto-afirmação espiritual do homem, de modo relativo em termos de vacuidade, de modo absoluto, em termos de insignificação. Ameaça a auto-afirmação moral do homem, de modo relativo em termos de culpa, de modo absoluto, em termos de condenação. A confirmação desta ameaça tripla é a ansiedade, aparecendo em três formas, a do destino e da morte (em resumo, a ansiedade da morte), a do vazio e perda de significação, (em resumo, a ansiedade da vacuidade), a de culpa e condenação (em resumo, a ansiedade da condenação) (TILLICH, 1976. p. 32).

Tillich define assim de forma ainda básica a angústia em seus três tipos que se correlacionam, e configuram esse fenômeno existencial. Tal fenômeno quer se deixar claro, tem caráter existencial e ontológico, não psicológico ou de neurose mental, como em correntes psicológicas e/ou psicanalíticas contemporâneas, que foram brevemente acenadas no início desse capítulo.

2. A angústia do destino e da morte

Pelo destino e morte se configuram os meios pelos quais a autoafirmação ôntica⁵ do ser humano é ameaçada pelo não ser. A angústia do destino e da morte é a mais básica, mais universal e inescapável, pois todas as tentativas de negá-la são falhas. Existencialmente todo ser humano tem consciência da perda biológica do eu, de sua extinção (TILLICH, 1976, p. 32).

Tillich constata que a angústia da morte cresce com o aumento da individualização e que os povos nas culturas coletivistas são menos atingidos por essa angústia. A diferença reside no fato de que o tipo de coragem que caracteriza o coletivismo enquanto está firme, alivia a angústia da morte. Mesmo assim o ser humano em toda civilização, de certa forma, é angustiosamente afetado pela ameaça do não-ser (TILLICH, 1976, p. 34).

A ameaça contra a autoafirmação ôntica do homem não é só a da morte, é também a do destino. O termo destino acentua um elemento: seu caráter contingente, sua imprevisibilidade, a impossibilidade de mostrar sua significação e propósito. Isso pode ser demonstrado pelas estruturas categóricas do ser que já foram apresentadas anteriormente. A saber, a contingência do ser pelo caráter temporal, o fato da existência se dar neste e não em outro período de tempo, iniciado e findado num momento contingente, preenchido com experiências que são contingentes elas próprias no referente à qualidade e quantidade. Assim também se dá a contingência do ser no espaço, pois só se pode estar em um lugar e não em outro. O caráter contingente é a relação do ser em seu olhar ao mundo que o circunda. Ambos, o eu e o mundo, poderiam ser diferentes, isso produz a angústia referente ao caráter espacial da existência. Assim também a contingência da interdependência causal da qual se é uma parte, diz respeito tanto ao passado quanto ao presente, e as forças ocultas nas profundezas do eu. Por contingente não se quer dizer causalmente indeterminado, mas significa que as causas determinantes da existência não têm necessidade fundamental (TILLICH, 1976, p. 34).

A ameaça do não-ser à autoafirmação ôntica do ser humano é absoluta na ameaça da morte e relativa na ameaça do destino. A ameaça relativa existe porque em sua base está a ameaça absoluta. O destino só produz angústia porque tem a morte por detrás de si. A morte está presente não só no último momento, mas em todos os momentos da existência. De fato, a angústia do não-ser toma conta de todo ser. Contra isso, tenta-se ir corajosamente contra os objetos em que a angústia se corporifica. Porém não se tem êxito por completo, pois se sabe que não são esses objetos com os quais se luta que produzem a angústia, mas a condição humana como tal (TILLICH, 1976, p. 35).

⁵ Por “ôntica”, do grego “*on*” - “ser”, significa a autoafirmação básica de um ser pela sua simples existência. E “ontológica” designa a análise filosófica da natureza do ser.

3. A angústia da vacuidade e insignificação

O não-ser ameaça além da autoafirmação ôntica, também a autoafirmação espiritual do ser humano. Essa autoafirmação espiritual acontece em cada momento em que o ser vive criadoramente nas diversas esferas da criação. Criador para Tillich significa viver de modo espontâneo, em ação e reação, de modo ativamente intencional com o conteúdo da vida cultural. Pois todo ser humano que participa e vive criadoramente em significações, se afirma como um significante nessas afirmações. Afirma-se quando recebe e transforma a realidade de forma criadora e dinâmica. Ama-se a si próprio por produzir seu conteúdo, e o ama porque é produto para sua própria realização humana. O ser humano é possuído pelo conteúdo de sua descoberta. É o que se chama autoafirmação espiritual (TILLICH, 1976, p. 36).

Essa experiência espiritual pressupõe uma realidade de seriedade básica, onde a realidade das manifestações e sua intencionalidade constituem a realização humana. Do contrário, uma vida espiritual em que isso não é experimentado é ameaçada pelo não-ser nas duas formas pela qual ela ataca a autoafirmação espiritual: vacuidade e insignificação. A insignificação demonstra a ameaça absoluta a autoafirmação espiritual, enquanto o termo vacuidade à ameaça relativa a ela. Na base da vacuidade está a insignificação, como se mostrou que na da morte está a do destino (TILLICH, 1976, p. 36-37).

A angústia da vacuidade surge pela ameaça do não-ser ao conteúdo especial da vida espiritual. Há uma certeza que rompe através dos processos interiores: o ser humano é cortado da participação criadora numa esfera de cultura, se sente frustrado a respeito de algo que se tinha afirmado com paixão, pois se é conduzido a devoção de um objeto por outro e ainda por outro, e assim sucessivamente. Pois o sentido deles se esvaece, e o *eros* criador se transforma em indiferença ou aversão. Tudo é buscado, mas nada satisfaz. A tradição já não pode afirmar seu conteúdo hoje, e a cultura presente também não promove conteúdo. Ansiosamente se volta para longe de todo conteúdo concreto e procura-se um significado básico, só para descobrir que foi a perda de um centro espiritual que retirou o significado do conteúdo especial da vida espiritual. Porém, um centro espiritual não pode ser produzido intencionalmente, e a tentativa de produzi-lo só produz angústia mais espessa. A angústia da vacuidade conduz a insignificação (TILLICH, 1976, p. 37).

A insignificação está como ameaça implícita na finitude do homem e realizada no extravio do homem. Descreve-se em termos de dúvida, sua função criadora e destruidora na vida espiritual. Somente o ser humano é capaz de indagar porque está separado *de* embora participando *em*, daquilo sobre o que está perguntando. E em toda pergunta está um elemento de dúvida, a certeza de não haver,

de não-ser. A ameaça da insignificação não é a dúvida como elemento, mas a dúvida total, que não deixa de ser um elemento da vida espiritual. Contra isso, a vida espiritual tenta ainda se manter apegando-se a afirmações que ainda não estão minadas, sejam tradições, convicções autônomas ou preferências emocionais. Mesmo que não é possível remover a dúvida, se aceita o fato com coragem, sem renunciar as nossas convicções (TILLICH, 1976, p. 37-38).

Assim, as autoafirmações ôntica e espiritual sobre as quais se sobressaem a angústia da vacuidade e insignificação, podem ser distintas, porém não separadas. Pois o ser do homem inclui uma relação de intencionalidade, ele não permanece inerte diante do que o atinge. O ser humano só tem essa natureza por compreender e moldar a realidade, seu mundo que o circunda tem significado próprio, de acordo com os valores que estabelece. Em um primeiro momento significativo já está presente toda a riqueza da vida espiritual do ser. Surpreende o fato de que é preferível atirar fora a própria existência ôntica, do que ter de suportar a angústia provocada pela vacuidade e insignificação. Assim, se a autoafirmação ôntica é enfraquecida pelo não-ser, a indiferença espiritual e vacuidade podem ser a consequência, produzindo um círculo de negatividade ôntica e espiritual. Não-ser ameaça ambos os lados, o ôntico e o espiritual; se ameaça um, ameaça também o outro (TILLICH, 1976, p. 39).

4. A angústia da culpa e condenação

Na reflexão tillichiana a ameaça ao não-ser é vista ainda por um terceiro lado: a ameaça a autoafirmação moral do ser humano. Entende-se que o ser do homem, não só é dado a ele, mas também reclamado dele. Pois é exigido que se responda por ele próprio, ninguém pode responder por outro. Cada pessoa é responsável pelos atos de seu ser, tem senhorio sobre si. E aquele que lhe pergunta é ele mesmo; o ser humano é juiz de si mesmo, e ao mesmo tempo se coloca contra seu próprio ser, volta-se sobre si mesmo, examinando-se. Esta ambiguidade produz a angústia, que em termos relativos é a da culpa, e em termos absolutos a da condenação (TILLICH, 1976, p. 39-40).

O ser humano é por essência liberdade finita; afirmamos isso no sentido de que ele é capaz de se determinar por meio de decisões no núcleo de seu ser. Ele é requerido a fazer e construir de si o que se supõe ele possa tornar-se para realizar seu destino. É também em seus atos morais que o ser humano contribui para a autorrealização de seu destino, para a concretização do que é potencialmente. Porém, mesmo a regra estando pré-estabelecida, o ser humano sendo livre tem o poder de agir contra ela, contradizendo sua essência e perdendo seu destino. Ao fazer algo, mesmo naquilo que pode parecer seu melhor feito, o não-ser está perfeito e impede-o de ser perfeito. É uma incerteza constante

que perpassa o âmago do ser, a ambiguidade de se fazer o bem ou o mal. Essa incerteza é o sentimento de culpa. Está impresso na consciência, que se torna juíza do próprio ser humano, e faz um julgamento negativo; é o sentimento de culpa. Essa angústia mostra as mesmas características complexas da angústia da morte e a da condenação. A angústia da culpa e condenação em sua ameaça ao ser ôntico e espiritual, está presente em cada momento da autoconsciência moral, e pode levar o ser a completa auto rejeição; demonstrado no sentimento de estar condenado não a um castigo externo, mas no desespero de perder o próprio destino (TILLICH, 1976, p. 40).

O não-ser do ponto de vista moral pode ser distinguido mas não separado do não-ser ôntico e espiritual, pois a angústia de um tipo é imanente nas angústias dos outros tipos. A ameaça do não-ser moral é experimentada em, e através da ameaça do não-ser ôntico. As contingências do destino nesse sentido, recebem interpretação moral: o destino executa o julgamento moral, destruindo a fundação ôntica da personalidade moralmente repudiada. As duas formas de angústia aumentam uma a outra, bem como não-ser espiritual e moral são interdependentes. Porém, a obediência a norma moral que está na essência do ser humano, exclui a vacuidade e insignificação. E assim, se o conteúdo espiritual perdeu seu poder, a autoafirmação da personalidade moral é um meio pelo qual a significação pode ser redescoberta (TILLICH, 1976, p. 41).

Conclusão

Dessa forma, os três tipos de angústia abordados estão de certa maneira entrelaçados, que um colabora individualmente no estabelecimento do fenômeno da angústia existencial. Todos eles são existenciais, estão implícitos na existência do ser humano em sua relação com o mundo, com o outro e com o transcendente, na sua realização, mas também na sua finitude (TILLICH, 1976, p. 42). Estão também enraizados na situação de desespero, como afirma Tillich: “Desespero é uma situação extrema. [...] Não se pode ir além dela. Sua natureza está indicada na etimologia da palavra desespero: sem esperança. [...] O não-ser é sentido como absolutamente vitorioso” (TILLICH, 1976, p. 32). Porém, há ainda um limite para a sua vitória; se não-ser é sentido como vitorioso, o fato de sentir pressupõe ainda ser. Dessa forma, tendo em vista o aspecto possível do desespero, sob o qual não se adentrará mais que isso nessa reflexão, fica evidente que a vida humana pode até ser interpretada como uma tentativa de evitar o desespero.

Por mais conceitual e estritamente filosófica que nossa discussão se mostrou, os conceitos de angústia que Tillich elabora em sua obra magna podem ser hoje afirmados diante das realidades sociais e contemporâneas que encontramos. A problemática da finitude é subjetivamente

desesperadora frente as realidades que assolam a humanidade desde suas origens: guerras, conflitos, tensões, violências, doenças, dor, morte. Meios para afastar ou eliminar tal desespero são buscados continuamente, mas insuficientes frente a vacuidade da condição humana. Tillich, mesmo elaborando reflexões a respeito de conceitos clássicos da filosofia, ousou em esmiuçar a fundo como tal querela se constitui filosoficamente e antropologicamente. Assim, afirmamos que retomar a obra do filósofo alemão reforça o quão atual a reflexão filosófica a nível conceitual e ontológico está das realidades da vida humana e social.

Referências bibliográficas

- DITTRICH, M. G. *Arte e criatividade - espiritualidade e cura: A teoria do corpo-criante*. Blumenau: Nova Letra, 2010.
- MUELLER, E. R.; BEIMS, R. W. (Org.). *Fronteiras e interfaces: o pensamento de Paul Tillich em perspectiva interdisciplinar*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2005.
- TILLICH, P. *A coragem de ser*. 5 ed. Tradução de Eglê Malheiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- _____. *Teologia sistemática*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.
- VAZ, H. C. L. *Antropologia filosófica II*. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001. v. 2.